TRÊS FACES DE MIM

Natanael de Lima de Souza

[POESIA]

[ ][ ]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Publisher Editora

TRÊS FACES DE MIM

Natanael Lima

Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho
Editora Chefe

Manuela Sanchez
Revisão

Eliane Arruda
Preparação dos arquivos e capa

Carlos Alexandre Venancio
Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S729t

Souza, Natanael Lima de.
Três faces de mim / Natanael Lima de Souza. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
64 p.; figs.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-089-7 (impresso)
ISBN 978-65-5422-104-7 (e-book)

1. Estilos. 2. Linearidade. 3. Crítica 4. Sociedade. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 869.91
CDU 82-1(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura brasileira: poesia, prosa.
2. Literatura: poesia (Brasil).

SOUZA, Natanael Lima de. **Três faces de mim.** 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

TRÊS FACES DE MIM

Natanael Lima

[OUTRAS] PALAVRAS
Publisher Editora
Biblioteca Paraná

APRESENTAÇÃO

Três faces de mim é uma coletânea de poesias de Natanael Lima, escritor originário do interior do Paraná, que nasceu na pequena cidade de Peabiru e, também, morou entre Curitiba e Campo Mourão nestes 21 anos de sua vida. O poeta reúne, nesta coletânea, alguns dos poemas de três trabalhos seus – sendo dois inéditos e um já publicado nas redes sociais do autor e, agora, insertado por poemas novos, todos produzidos no ano de 2020.

Escritor de poesias, crônicas e compositor de músicas, o autor, também, é pesquisador na área da Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual do Paraná/Unespar – *campus* de Campo Mourão, na qual, junto da profra. dra. Adriana Delmira Mendes Polato – à moda Batman e Robin, desbrava o pioneiro seguimento da Análise Linguística em perspectiva dialógica no Brasil. Ademais, já atuou em Campo Mourão como professor da Rede Municipal de Ensino, onde vivenciou mais de perto o desenvolver do ensino de língua Portuguesa em sala de aula.

Nas propostas poéticas, a convergência entre elas acontece pela idiossincrasia, num livro que reúne três estilos de poesias totalmente distintos, sendo que: o primeiro usa do verso livre em tom narrativo demarcado, com entoações mais densas; o segundo faz uso farto de rimas em um esquema métrico que explora a geometria, inclusive, em sonetos e; na terceira proposta, retorna ao verso livre, desta vez, em um ritmo mais fluído, combinado à sua temática de um alento confessional que vai muito além dos relatos presentes nas duas anteriores. Quanto aos temas, a proposta dos poemas é mais aberta em relação às outras, mas com um conceito baseado na vivência do eu lírico que atribui linearidade à cada uma das proposições.

Deste modo, o livro é organizado em três seções, nos quais o autor soma às poesias algumas fotografias de sua autoria que ilustram e traduzem a poesia. Na relação dos poemas, o léxico científico, a ludicidade e o retrato de seu contexto social, o não pertencimento, a revolta e a crítica da sociedade, o amor e a condição de humanidade, todas essas e outras faces que são constitutivas do sujeito Natanael Lima.

Nem me lembro de fato
Da vida a questão
Que me fez assim
Constructo, civilização

SUMÁRIO

UM: O VERSO EM QUE RESIDE O OUTRO

Palavra 10
Cigam as cigarras 12
Filhos do julgamento 14
Despedida 15
Réquiem ao sono (*noturno nº. 1*) 17
As criaturas atrás do véu (*noturno nº. 2*) 18
Valsa do reflexo (*noturno nº. 3*) 19
Metamorfose 20
A mulher e o espelho 22
Na minha casa há manias 24
Filho 25
Tato verbal 26

DOIS: O VERSO SOB A ESTÉTICA

Contracomposição 31
Ávida natureza 32
O dilema da razão 33
Luz para Mileni 35
Eclipse 36
Memória do espaço 37
Cavaleiro da Arábia 39
Ácido neon 40
Febre 42
Zero 43
Não me interprete mal 44

TRÊS: O VERSO EM QUE VIVE O EU

Queda livre 46
Sofia 48
Verdades escritas que não se leem 49
A vida é mercadora do povo 50
Despejo de um só 52
Shift Del 53
Por qual rumo vai a liberdade? 55
Mil caminhos a pé eu andarei 56
Campanha de adoção 57
Se há vida em mim, faço dela uma canção 58

Posfácio 61

UM:
O VERSO EM QUE RESIDE O OUTRO

PALAVRA

Como água que mina da nascente
aumenta-se, gota a gota
que formam-se os riachos

Evaporados à luz do dia
alimentarão cachoeiras
contínuas por toda paisagem
devastada e renascida
de vida que brota margem aos lagos
e toca ribeiras salinas, o oceano

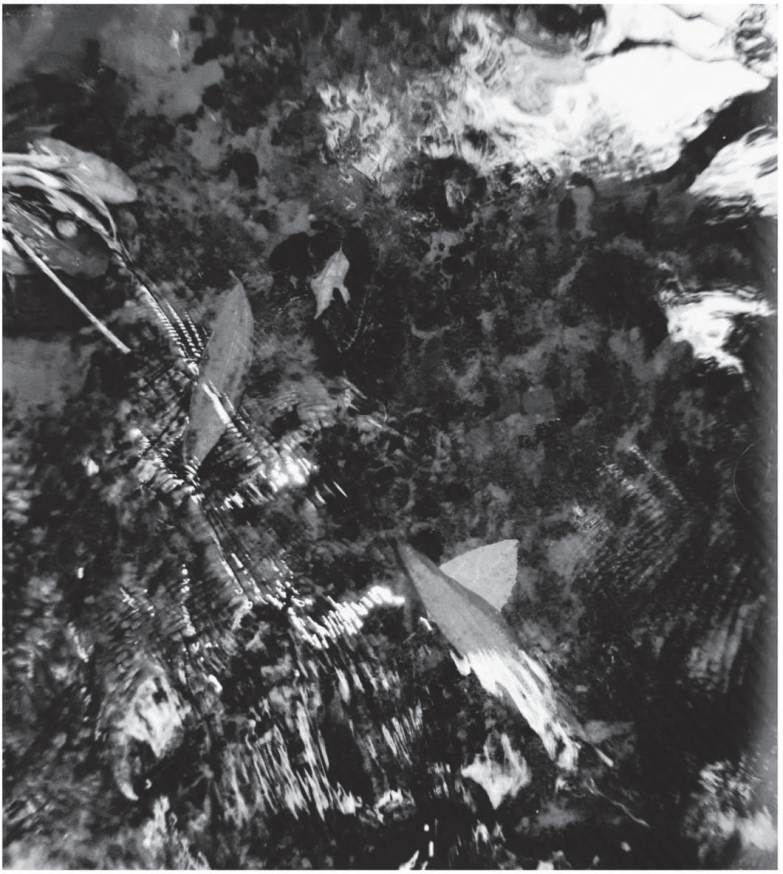
Condensa, esfria e assume formas outras
água para nos poupar a sede da boca
feita nascente ao discursar o mundo

CIGAM AS CIGARRAS

Cigam das cigarras
que cantam no vão deste mundo
cigarreiem noite e dia
para que não cigarrem nem mais um minuto

Coaxeiam os orvalhos
coaxenando se vão carvalhos
ou qualquer araucária que exista aos fundos

Mas nesta terra de araucárias
num mundo em que ainda se delimitam áreas
este lugar será seu mundo, cantar-te-ei as gralhas
e o violão trará a melodia ao fundo



FILHOS DO JULGAMENTO

Há pessoas em nosso mundo
que nascem predestinadas à morte;
elas conhecem prematuras a rejeição
golpe de sorte, por instinto
viverão todos os momentos
sem medo da retaliação

Estas pessoas subirão aos palcos
resistirão à miséria humana
levarão as favelas pras ruas
e farão nuas as verdades
postas ao fato que viver cicatriza a alma

Nunca distantes de seus sonhos
ensinarão ao abraço que a vida
é uma busca de chão para dançar

DESPEDIDA

Mas se me vou deste mundo
Levarei um desejo guardado
a um toque de distância

Algumas linhas foram escritas
mas um silêncio é apagado;
sonhos perdidos
em preces mal ditas

Minha esperança falha
meus dedos fraquejam;
eu nunca conseguirei seguir em frente?

RÉQUIEM AO SONO
(*Noturno Nº. 1*)

Às vezes
quando me toca a pele
a frágil luz das velas;
tenho a sensação de ser levado
para ceder ao capricho
de andar por outro mundo

Mas recordo-me da luz prateada
que alçava a minha janela;
por lá desciam anjos
cantados os mais belos
cantos

Se eu pudesse
não mais de lá voltar
não haveria para mim
teto que me impedisse de voar

Mas recordo-me da luz prateada
que alçava a minha janela

AS CRIATURAS ATRÁS DO VÉU

(*Noturno Nº. 2*)

Há criaturas que correm lá fora;
seres que tomam forma no vento
arrastado pelas pontas do mato

Eles atormentam a insanidade;
viajantes desordenados
vagantes por outros lados

Daqui espiam
cobertos em meus medos;
escondido entre as plantas
mascaro a minha presença
no perfume da madeira santa

Assombrado desde a infância
não ouso incomodar os viajantes apressados;
imagino pela astúcia o desencontro vão
interromper-lhes os passos dados
para perguntar-lhes o que são

VALSA DO REFLEXO

(*Noturno Nº. 3*)

Já não olho para o espelho
a covardia me fecha os olhos;
tenho medo dos vultos que vejo
assumirem formas em minhas sombras

Não me faltam memórias
que me espreitam pelos espaços;
através do espelho e suas visões
acordado em sono profundo
presos meus pensamentos
dentro de outro mundo

Desvio-me dos espelhos
pois lembram do meu corpo magro;
o espelho me quer longe
pois sabe do que sou feito

A projeção teme por mim

Já não alcanço resposta
ao fato inquestionável
que ri do meu reflexo:
talvez não seja eu acordado
no espelho amanhã

METAMORFOSE

Sou como sereno que caí fresco
ao chegar da madrugada;
sou como orvalho que avisa ao mundo
que calmas, as almas
outra vez voltam-se ao sol

Ausente, faço minhas naturais gentilezas
sem intenção de recompensa;
eis que me reinvento, torno-me mariposa
voo, com asas que planam o luar
prateados os meus cachos
me escondo na sombra das árvores
fugitivo dos olhares que atraio

Quando outra vez amanhecer
visitarei novas terras
descobrirei novos pares;
serei árvore, chão batido e fim do caminho
estarei entre as nuvens e cairei gota de chuva

Para eu que sou alma moribunda e passageira
a matéria já não me vale mais o brilho nos olhos
quando fechados, interiores me fazem;
encontro espraiados os mais belos
campos de lírios amarelos

A MULHER E O ESPELHO

Uma estante e uma carta dourada
escova sobre a prateleira
meio ao reflexo, empoeirada
enquanto dança
o piano e a bailarina

Se eu pudesse ser o ar
circular eu voaria
e ao vento respirar
iria até Alexandria

Se eu tivesse crescido mais
com meus dedos roubaria
a noite, o céu estrelado
ascendido, meus medos,
na Lua, apagados

Se eu pudesse ser o dia
para sempre morreria
e com o Sol enterrado
no horizonte sumiria
e eu faria parar o tempo

Se eu fosse mais jovem
descalço eu correria
de olhos fechados
e braços abertos
entre as pradarias

Se eu pudesse ser o tempo
em seus ombros deitaria
para também dormir
todos que como a chuva
choram, chovem chuva a cair

Se eu tivesse cabelos loiros
orquídeas douradas bordaria
e enfeitaria meus olhos
com borboletas azuis
nos meus campos, alegria

Se eu pudesse ser o espelho
em seu reflexo alegoria
mas eu sou a mulher
e meio a essa imagem
nada mais eu seria

NA MINHA CASA HÁ MANIAS

Em minha casa há madeira
das melhores, dizem meus pais;
há também uma mexeriqueira em que estendemos os varais

Em casa há família
e estaremos sempre lá;
mesmo que peçamos em silêncio
cuidado aonde quer que vá

Na minha casa há manias
há barulho e solidão;
mas não há outra na Terra
pois minha casa é onde estão

FILHO

Sua camisa ainda está guardada
e toda vez que abro o guarda-roupa
sou tomada pelo passado

O meu peito abre e se faz saudade

TATO VERBAL

Uma vez encontrei uma figura
de ventre e mamas que profanavam
qualquer servidão que se apresentasse
diante de suas rupturas
que costuravam e praguejavam:
amaldiçoadas costuras!

Perdoados os maltratos
me contou um segredo:
a mulher trepava com as palavras

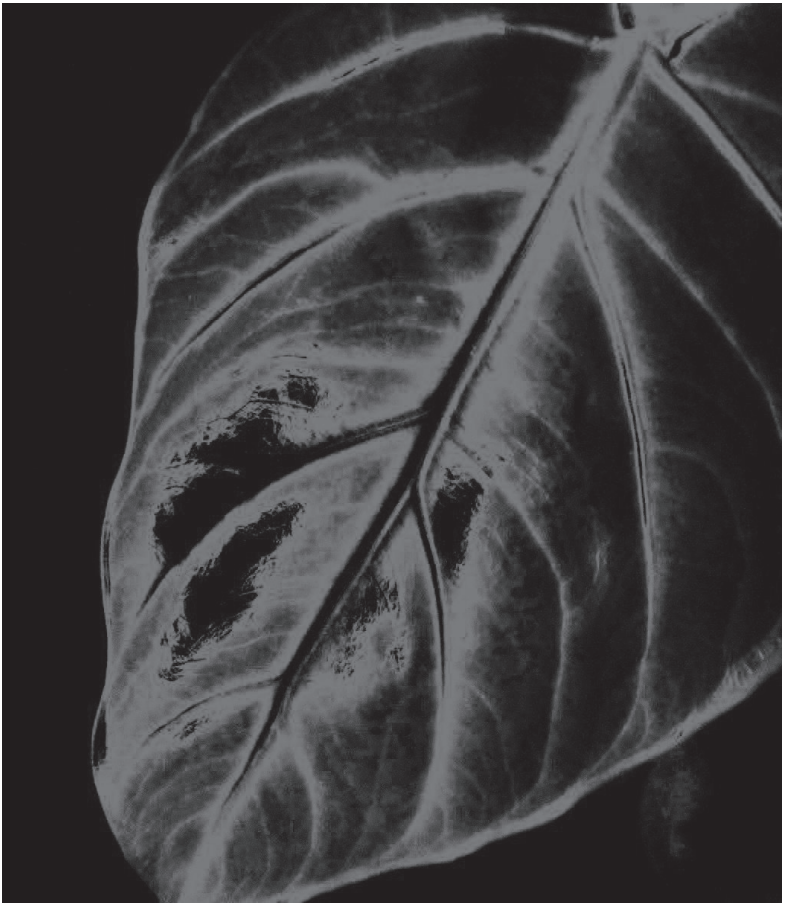
De suas histórias que transavam faladas
caíam às gargalhadas de tanto que falava
como cai água na pia durante a madrugada:
descompromissada

A mulher amanhecia: palavras
à medida que o dia dormia: palavras;
tantas palavras que lavrava atas inteiras
e legislava a vida, e mastigava os livros
aos desesperos: palavras
eufóricas: palavras
supridas, imensas, que cabiam propensas
em sua:
idiossincrasia

Não me encontrava,
ou por melhor dizer:
com este novo verbo
que me toca a glande
percebo que também trepo
com palavras

ADRIANA DELMIRA MENDES POLATO
ANÁLISE LINGUÍSTICA: DO ESTADO DA ARTE AO ESTATUTO DIALÓGICO

DOIS:
O VERSO SOB A ESTÉTICA



CONTRACOMPOSIÇÃO

Devo trazer o que há muito escondo
Dentro de mim reside a verdade ao fundo
Devo guiar a sabedoria ao que estou compondo

No meu cérebro atuam bilhões de neurônios por segundo
Na insanidade, tardia lógica, constituo minha liberdade
No meu silêncio se dissolve qualquer voz do mundo

Mas o que propõe a vida na sua realidade?
Meu encontro será na morte com o dito sucesso
Mas morta minha poesia seria de gran genialidade

Trago rimas emolduradas em meu corpo possesso
Tenho uma vida de tempestades em dias funestos
Trago à sua consciência num colapso um acesso

Posso cair exausto dos meus sonhos modestos
Pela rima mal dita será minha a voz que grita
Posso escrever o belo em seus poucos restos

Não é mentira que o ego do homem é seu *gran* parasita
Neste lugar não há liberdade para vã contracomposição
Não há, porém, lugar entre nós para o desprezo à escrita

ÁVIDA NATUREZA

Nos montes em que serras vossas montanhas se gabam os homens de suas tenebrosas façanhas

No mar que enegrece dos corpos que surgem pretos boiando
erguem-se impérios, de bilhões de minérios, e dinheiro saem jorrando

Ensinam na escola para cuidar do futuro
Teremos cautela com nossa ávida natureza
Mas contariam que já acabou todo o ar puro?
E morrer asfixiado... imagina que dureza

O DILEMA DA RAZÃO

Conheço muitas razões
pelas quais eu poderia lutar
Também conheci o despropósito
das coisas que o mundo tende a levar

Tudo sempre perdido numa balança confusa
A justiça dos homens é do lixo o grande depósito
A aleatoriedade fez da minha mente vazia e convulsa

Mas ouvi que a razão é a escravatura da linguagem
Que nas emoções podemos a razão da vida tocar
Mas eu não memorizaria a sensação
Sinto saudades de sonhar

LUZ PARA MILENI

Nasceu no presente uma criança
Quando seu céu uma vez alinhado
Separou do tempo o antes e o depois
Deixadas na noite as estrelas pelas quais
Ele dizia ter vindo em suas orbitas espaciais

Então o garoto morreu
mas a seu tempo falou:
fui um louco embriagado
em um trem desgovernado
sem ruim cenário ou horário
que fosse capaz de me atrasar
era tudo questão de qual tempo
convinha ao meu momento estar

Pois te digo, Mileni
se te aborrece o nosso tempo
e o mundo que se perde lá dentro
nestes tempos não precisará ficar
e se quiser ver mudar o tempo
pode consentir em esperar
pode até sair do tempo
e ele irá continuar

Passado assim sempre há de acabar em presente
Com ele ausente, no futuro há de se transformar
Pois então faça que se deixe tudo nestes tempos
mas sempre que olhar lá dentro, verá ele passar

ECLIPSE

Esconda sentimentos por mim
em meio seus aspectos noturnos
Como você me fala, vivo na Lua
e a noite sempre será o meu turno

Então pegarei tudo o que eu quiser
Porque caso você deseje aqui ficar
Poderá subir mais, o quanto puder
Mas será preciso os abandonar
Com o que nós iremos fazer
Não haverá como voltar

Amarei você em fases
Nossos corpos, em um, eclipsar
Mas comigo você será meu Sol
e eu farei você queimar

MEMÓRIA DO ESPAÇO

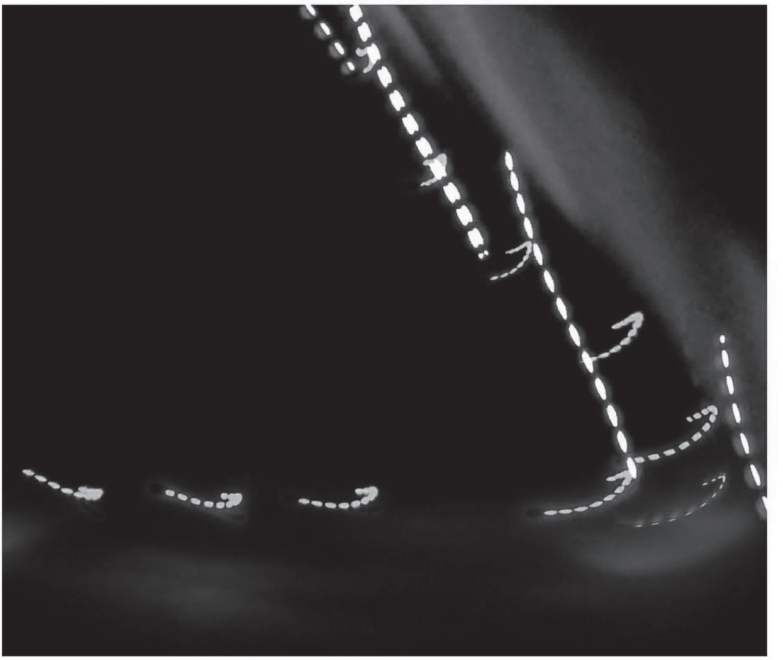
Do meu sangue para o ar
Distante e gélido pelo espaço
Meu peito numa fusão nuclear
Tentando alcançar o compasso

Sobre minha cabeça um espectro nebuloso
Aspectos em roxo, fugaz, azul e carmim
Meditar até a matéria atingir o seu fim
Levitando o meu espírito orgulhoso

Agora encontro distante da órbita do Sol o meu horizonte
Na minha visão planetas caem e ressurgem em esperança
Até que na estação de transmissão a sua voz me alcança
E nas memórias do nosso espaço se estabelece a ponte

Cruzei o céu, meu amor
Mas não me entenda mal
Não há motivo para tanto
Apenas outro desejo carnal
Faria mais sentido me deixar
Ocupar teu voo ao espaço sideral
Séculos se passarão até que te encontre
Carrego uma mensagem de conteúdo fatal
Perdoe a crueldade no que estou prestes a fazer
Mas o meu mundo sem você nunca mais foi igual

Se eu soubesse que você estava só
As estrelas eu alinharia
E então eu correria
Se eu soubesse
Sozinho eu iria
Até você



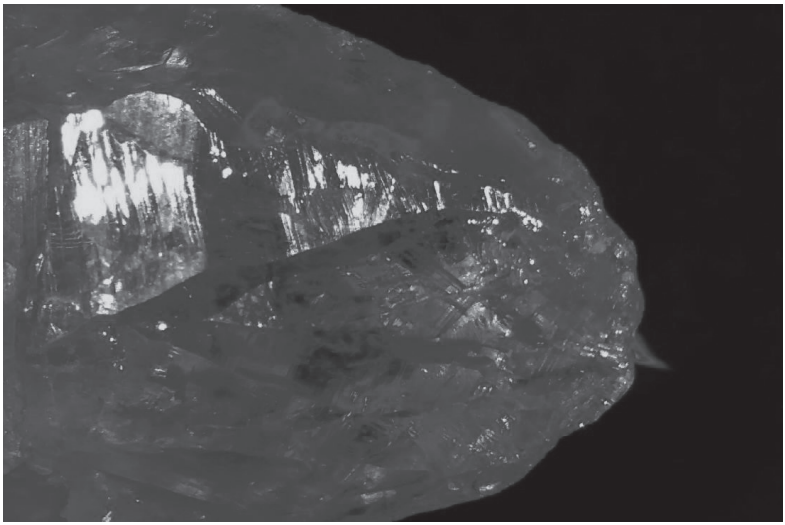
CAVALEIRO DA ARÁBIA

Não posso acreditar nas formas
que encontras para me fazer crer
Qual gosto teu faço por conceder
nas vontades que em mim formas

Como o vermelho o mar incendeia
Espero por você, Cavaleiro da Arábia
Promessa em rúbia, Feiticeiro da Sálvia
Perdidos pelas praias nas ruínas de areia

Encanto de vozes doces e timbres opostos
Desejos roxos com teus gostos são tantos
Quanto de nossos complexos compostos

No futuro você me dirá adeus?
Meus eus nos teus lábios são sufixos
prefixos me encaixam em abraços teus



ÁCIDO NEON

Minha pele é dourada
Meus tamanhos são vastos
Meus tecidos cloroplastos
Minha voz é abafada

Abafada o suficiente
para contar a história
de toda a minha gente

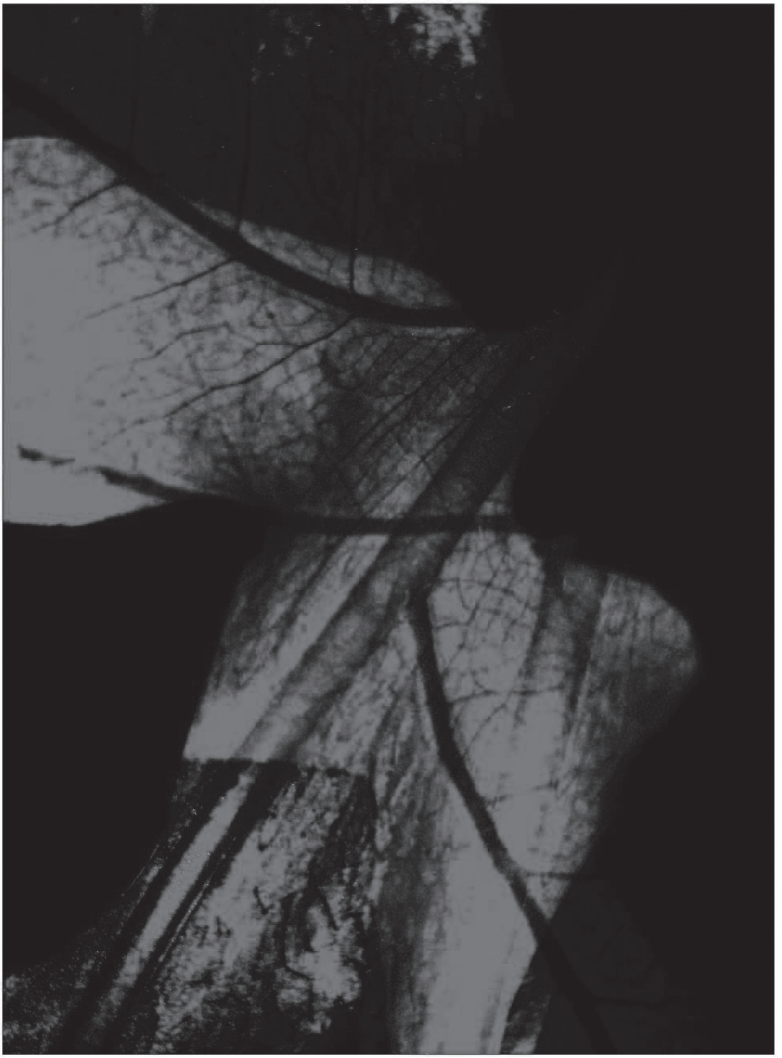
Meus olhos vão profundos
Minha psicodelia acorda a ótica
Meus discursos vazão hipnótica
Minha origem de dois mundos

Minhas mãos são unidade
Meu espírito é sempre ouro
Meu desprezo é mau agouro
Minhas paixões são lealdade

Meu corpo quatro tipos de jasmim
Minhas dores desabrocham várias cores
Meu olhar vem dos meus compositores
Minhas preces agridoces para mim

Se meu nome chamado verá
do céu retornarei em cinzas
e a resposta da Terra virá

Minha voz entoada
tornaria árido Sarom
Minha luz adocicada
com meu Ácido Neon



FEBRE

Trago em meu peito um tanto de sono
Trago meu peito um tanto arrebentado
Na minha dor um sabor avermelhado
Feito o linguajar atormentado

Não abrirei minhas falas, não
Atrás daquele verso tem seus olhos
Marejados no meio de toda a depressão

Mas veja como eles tanto se parecem
Mais perfeita tela, na sacra simetria perecem
Desmanchadas na tua construção arcaica
E a arquitetura ainda opaca

Alterado o ritmo da pulsação
Até uma parada cardíaca
Um prego e meu coração

ZERO

Estive dormindo com a cabeça ruim
Você pensou que brincaria comigo
Mas não serei mais o fiel amigo
E sei que sempre esteve afim

Perdi quando levei até o fim
Misericordioso com frio inimigo
Sei que pensava em dormir comigo
Mas não sentirá meu sabor de alecrim

Quem sabe no destino me faça bem
Cair em outro palco para te provar a verdade
Escondido dos teus parças, mas agora eles sabem

Sei quem sou eu e não serei mais seu refém
Se quer apostar tudo em mentiras tem a liberdade
Só esteja pronto para ir ao zero, ou no teu caso: além

NÃO ME INTERPRETE MAL

Sou feito de potássio, fé de cortiço, hidrogênio, cloro e carbono
Fluí pelo cálcio, no sangue mestiço, oxigênio, ferro e abandono
Ainda que eu escreva, misteriosos feitiços, tarda o fim do outono
Ainda que eu reine sob ouro maciço, do nosso povo não serei dono

Em dias ruins e noites de insônia
Disperso no ar eu seria nuvem de amônia
E junto de Deus atearia fogo sobre a Babilônia

Por favor, não me interprete mal
Não há tempo para justificativa banal
A chuva vem... e as roupas estão no varal

TRÊS:
O VERSO EM QUE VIVE O EU

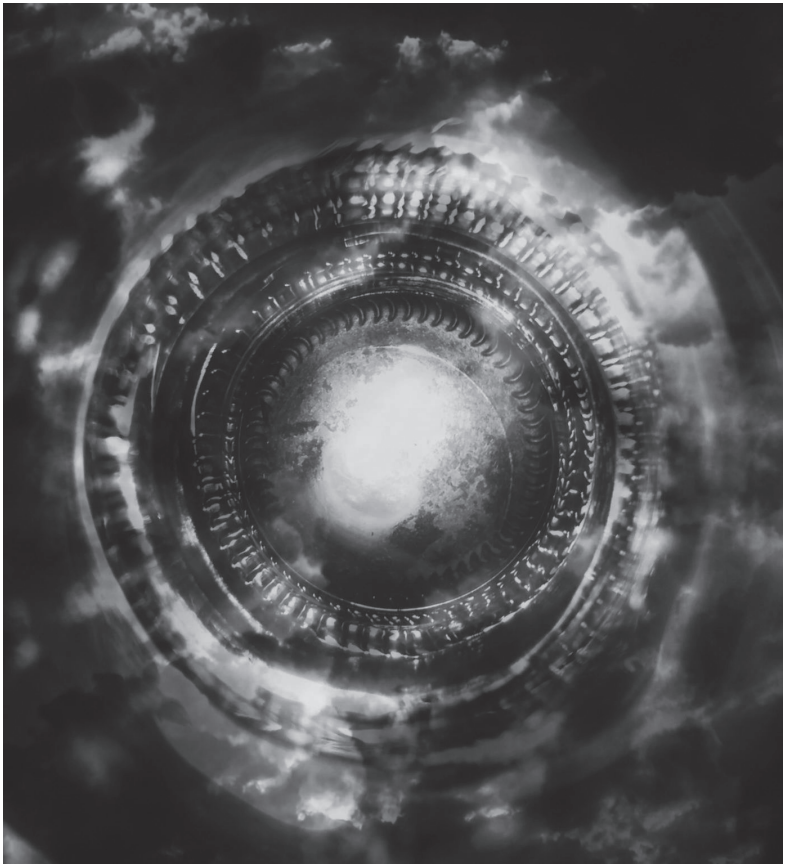
QUEDA LIVRE

Não há tempo para pensar
O tempo é impreciso

Vento, queda
Nada em mãos
Do véu feito o céu
O sopro ao meu som
Sem pressa, sem tempo
Só distância, e sem precisão

A vida num sopro
do qual nunca provo

Pudera Deus
Criador sublime
Construir o mundo
Em
queda
livre



SOFIA

Sofia é de coração mole
Malemá vê uma verdade
"Ai meu Deus!
O quê que é isso?"

Sofia é às beiras do mamilo
Que mal lambe, mal belisca
"Ai ai, deixa disso
não assanha
nem se arisca"

Sofia não fala
e Sofia nem existe
São alguns poucos os loucos
em que o interesse pela Sofia persiste

Sofia morrerá
Seca e esturricada

VERDADES ESCRITAS QUE NÃO SE LEEM

Este é como sou por fora
Pelos olhos da minha mãe
Pelos olhos dos meus pais
Diploma, depressão e muito mais

Reflexo,
mas que mundo
de exterior complexo

Tome outro ângulo
Por dentro sou tecido
Citosina e citoplasma
Sou músculo cardíaco

E é isso que sou,
nem mais nada,
nem ninguém

Não sou sequer livre
Nem fora, nem dentro
Sou um pedaço de carne
Que sonha em ser muito além

Livre será que ainda vivo?
Talvez encontre a resposta
Em algum canto, de algum livro

A VIDA É MERCADORA DO POVO

Quanto custa o pedaço de terra?

Há para todo mundo o pedaço de pão?

Quanto vale da nossa política a verdade?

A vaidade é o que te fará um bom cidadão

Do mérito ao desejo do mais perfeito encaixe

A morte no conforto é o prêmio ao homem são

Mas me recolho e ascendo
Avisto da miséria a artéria
  Decido, eu darei fim à matéria

Espero, atento, apreendido
No resultado final
Ver o teu peito possuído
  Necessidade de riqueza material

Mas se em você é sangue que corre
Quanto de tempo ainda te resta
  Se abandonar toda esta festa?

DESPEJO DE UM SÓ

Não há lugar para mim no mundo
Constantemente descartado
Posto de fora, mandado embora

Sempre esperam que eu parta
O desejo do mundo é que eu vá
Vá ao horizonte, ao além

Abdico minha cor, sou todos
Apago minha voz, consentimento
Esqueço-me, meus sentimentos

Já quero que suma, também
Minhas mãos, minha escrita
O que desejo é desaparecer
Meu afago é a perda

Cair, sumir, prevalecer
Sobre o tempo, quem reina
Sumo, sem tempo, sem pena

Mas aqui não me permitem

SHIFT DEL

Desejo sumir
Apagar-me
Letra por letra
Até que embale
E suma minha voz

Faria ausente meu voto
De nada valeria a posição

Preciso apagar a consciência
Corte, fogo, água, afogo

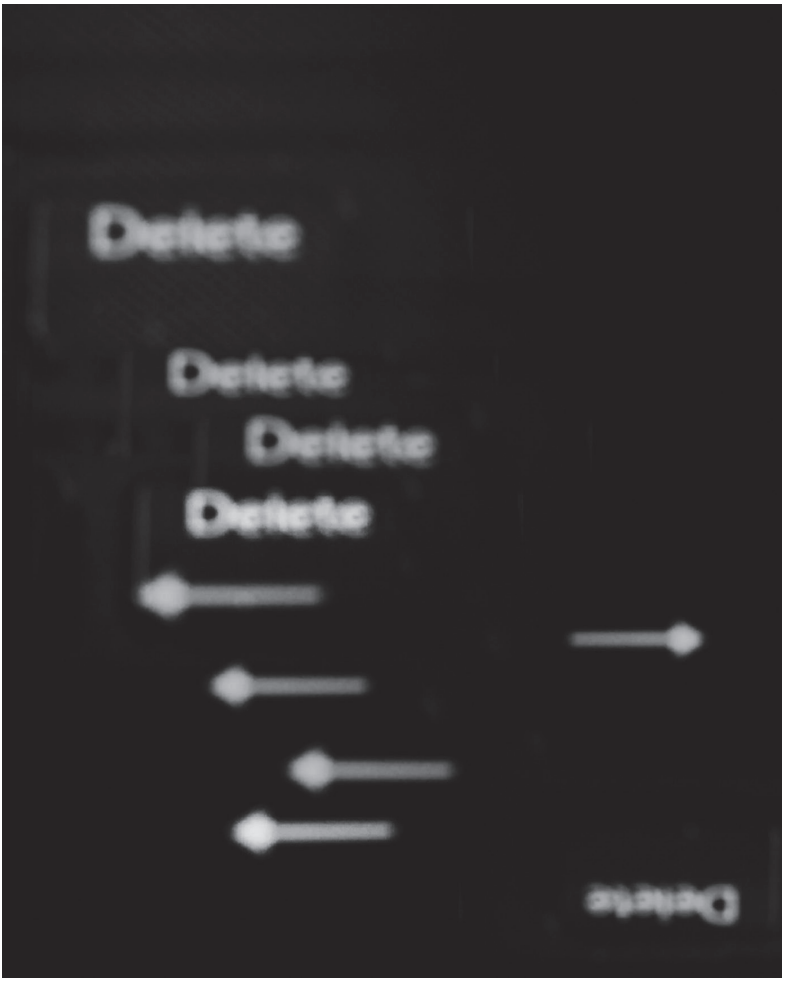
Hoje estive no banho
Por um segundo a gravidade
Joga a meu favor, quase
Pôs meu crânio contra a parede
Num impulso mortal

Minha testa rachada
O chuveiro escarlate
Escorria minha mão trêmula
Na parede, pedaço da minha pele

Vermelho, vermelho
Um acesso, apago

Água contra pele
Pele contra chão
Água, pele, chuveiro
Minha mente sem visão

Do arremesso consciente
Na violência benevolente
Um ponto final para minha razão.



POR QUAL RUMO VAI A LIBERDADE?

Qual caminho me leva?
Qual caminho eu escolho?

Em qual caminho estou?
Em qual caminho me vou?

Será que entram
em minha cabeça?

Na minha cabeça
aonde será que vão?

Será que se tinham?
Será que se perdem?

Se alinho as células,
na consciência há visão?

Mas faço que meu peito perdoe
Qualquer falta de fé que me impeça
Acolher a minha própria voz
Abraçar a minha promessa

Nem me lembro de fato
Da vida a questão
Que me fez assim
Constructo, civilização

Busco apenas, alheio
Do mundo, a emancipação

MIL CAMINHOS A PÉ EU ANDAREI

Tenho andado perdido por estas ruas
Por estas ruas tenho me deixado
A cada passo dado nestas ruas
Não há nada senão tristeza ao meu lado

Por estes rumos de mil caminhos
Mil passos caminho por estes ramos
Brotou tomilho por estes caminhos
Onde deixei nestas ruas as coisas que amo

O vento me sopra por estas estradas
Tatuada minha pele com meu abandono
O vento embala estas histórias cantadas
E sopra os meus pensamentos ao sono

CAMPANHA DE ADOÇÃO

Eu não tenho casa
Eu não tenho irmão
Minha irmã não alcanço
Meu mundo fora de conexão

Embora se foi meu pai
Embora se foi meu pão
Mas escutem que agora se vai
Qualquer parte que reste do meu coração

Só me restou a fé
De que Deus me estenderá a mão

SE HÁ VIDA EM MIM, FAÇO DELA UMA CANÇÃO

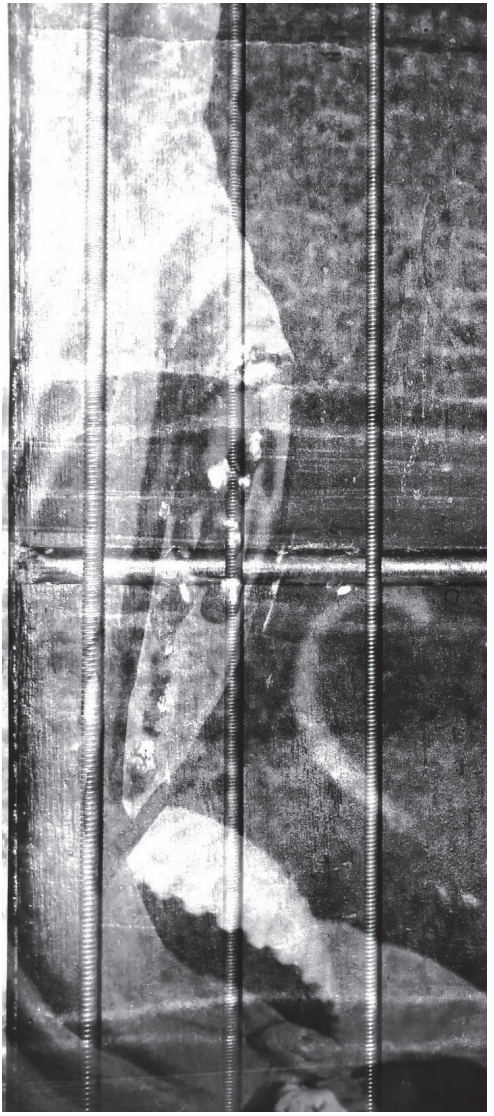
Pois
se assim
te encontro
em meu olhar
eu desejo assim
cantar

Junto a você
meu par

E
se te vejo
em meu altar
Minha estrela
Minha luz
Meu lar

Me perco
em te amar

(2x)
Se
te deixo
me levar
ao teu canto
ao som do mar
em meus sonhos
Iemanjá



Se há vida em mim, faço dela uma canção.
Música disponível em:
youtu.be/AVpA0zWXCro

FIM

Neste caminho da escrita
encontrei desrespeito e rejeição.
Me negaram o sonho e minha casa,
mas resisti e resistirei até que me falhem as mãos.
Agradeço as mãos das Adrianas e de Wilma,
mulheres, moiras de meu futuro.
Agradeço à Amanda e Daniel, que me emprestaram,
respectivamente, seus olhos e sua voz.
Agradeço a mulher e o espelho,
pelos feitiços e suas mãos.
Sou grato ao poeta da academia
e sou grato ao poeta da literatura.
Sou grato ao mundo que me tem seu filho.
Sou grato a todos que escreveram antes de mim.
Confesso que gostava de suas aulas, dona Célia.
E confesso que farei na minha vida o meu discurso.
Ouvidos para quem me quer,
e se linguagem não me faltar,
farei chover onde estiver.
À água ofereço meu verbo,
à á ofereço meus encontros do mundo,
e agradeço às águas de Peabiru, Paraná,
que sempre me levaram tão profundo.
E no fundo de mim há minha irmã
meus amigos e todo o mundo.

Natanael Lima

Título original: Três faces de mim
Escritor: Natanael Lima
Fotografia: Natanael Lima e Amanda Belzuino.
Edição: Natanael Lima
Tipologia: Coletânea de poesias

Publisher Editora

Miolo impresso em papel avena 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores
Fonte: Família Figtree.

[POESIA]

SINOPSE

"Três Faces de Mim" é uma coletânea de poesias do escritor paranaense Natanael Lima, reunindo obras de três estilos distintos, produzidas em 2020. O livro, organizado em três seções ilustradas com fotografias do autor, explora temas variados como identidade, não pertencimento, revolta social, amor e humanidade, através de três abordagens poéticas: verso livre narrativo, rimas métricas geométricas (inclusive sonetos) e verso livre confessional. A obra oferece uma visão multifacetada do eu lírico do autor, refletindo sua vivência e perspectivas.

O autor

Escritor de poesias, crônicas e compositor de músicas, o autor, também, é pesquisador na área da Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual do Paraná/Unespar – campus de Campo Mourão, na qual, junto da profa. dra. Adriana Delmira Mendes Polato – à moda Batman e Robin, desbrava o pioneiro seguimento da Análise Linguística em perspectiva dialógica no Brasil. Ademais, já atuou em Campo Mourão como professor da Rede Municipal de Ensino, onde vivenciou mais de perto o desenvolver do ensino de língua Portuguesa em sala de aula.

Avalie nosso projeto.

ISBN 978-65-5422-104-7

9 786554 221047

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO